O CEARÁ NA ABOLIÇÃO

Quintílio de Alencar Teixeira

Quanto mais envelheço, mais me convenço da minha rotunda ignorância, da qual vinha suspeitando há vários anos.

Amealhando pequenos conhecimentos aqui e ali, nos domínios humanísticos e profissionais, desanimava-me às vezes essa garimpagem de fim de filão, quando dava um balanço da colheita.

Dentro do mundo de curiosidades que nos circundam, sentimos a impotência das nossas limitações e não raro somos tentados a recolher pedrinhas brilhantes como as enganosas esmeraldas de Paes Leme.

Assim, freqüentemente armazenamos um ilusório cabedal de cultura inútil, que mal serve ao consumo das rodinhas de fim de semana.

Recebi, há poucos dias, do meu culto e precioso amigo, professor João Hipólito Campos de Oliveira, a valiosa oferta de un exemplar especial da Revista do Instituto do Ceará, comemorativo do Centenário da Abolição dos Escravos no Ceará.

Embora jejuno em história, sou um curioso dos fatos do passado e, quando me enfastio da grosseira rotina de todos os dias, sinto-me tentado a dar um mergulho nas suas águas lustrais.

Li de corrida, sincero é confessar, mas com real agrado, boa parte dos trabalhos ali enfeixados, sentindo-me edificado com as grandes passagens da luta abolicionista, que na maior parte desconhecia.

Morando à rua Pinto Madeira, prolongamento da Pedro Pereira, vim a considerar-me em pecado mortal por ignorar, como muita gente que parece sabida ignora, o extraordinário valor deste último homem.

Tinha-o na conta de vago abolicionista, que participara do movimento libertário no Ceará. Mas não conhecia a decidida atuação do aracatiense Pedro Pereira da Silva Guimarães como parlamentar, por duas legislaturas sucessivas, em favor da libertação dos escravos.

Não fazia ideía, também, de que àquela época o Legislativo tinha o poder de recusar para tramitação "in limine", qualquer projeto, desde quando os dirigentes do Poder, num julgamento restrito e pessoal, não o considerassem "objeto de deliberação". Os projetos abolicionistas de Pedro Pereira tiveram o recebimento sistematicamente recusado.

Muito menos sabia da insistência e pertinácia deste exemplar representante do povo cearense, que, ante a indiferença empedernida dos reacioná-

rios condutores do Poder, voltou à carga, sem êxito, vezes sucessivas.

Homens humildes como José Luiz Napoleão, escravo alforriado, capataz da Alfândega naquele tempo, e Francisco José do Nascimento, o rijo "Dragão do Mar", que perdeu o emprego de prático-mor, verdadeiros heróis do movimento praieiro, não constavam do meu desarrumado arquivo mental.

E a posição daquela magnífica unidade do Exército, o 15º Batalhão de Infantaria, postando-se decididamente contra a opressão escravagista e sendo transferida como punição ao Pará? Uma prova insofismável dos nobres sentimentos das nossas forças armadas, que nunca pactuaram com a opressão, dando belo exemplo de discernimento.

O número especial da revista do nosso Instituto do Ceará está repleto de matéria do melhor quilate e veio abrir mais um clarão aos meus minguados conhecimentos.

O substancioso artigo "Abolição — um ato de Fé" do Gen. Tácito Theóphilo, "A Declaração", do sábio historiógrafo Raimundo Girão, o primoroso discurso de Manoel Albano Amora na solenidade do centenário da abolição em Pacatuba, os "Elementos para estudo da escravidão no Ceará" de Guarino Alves, a exaltação do abolicionista Félix José de Souza Júnior, deputado à Assembléia Legislativa Provincial do Ceará, de Eduardo Campos, e, nos documentários, "A Cronologia da Abolição no Ceará", do emérito professor João Hipólito, além do lindo e inspirado poema "Redenção", de Otacílio Azevedo, abalaram-me profundamente o vetusto pedestal de ignorância.

Que o meu ilustre amigo professor João Hipólito não se esqueça de brindar-me com novos números da grande revista, porque ainda leio e tento aprender, mesmo neste final de raia, quando cada dia me sinto mais desinformado.

O Instituto do Ceará ganhou novo fã, um fã que o namorava de longe e a quem agora estendeu a mão amiga . . .

(Do jornal "O Povo")